

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

UMA ESTÓRIA DE DEFENSORES DA VIRTUDE

Hélio Pellegrino, nosso grande cristão, continuador do pensamento inteligente e não enquadrado de Tristão de Athayde, reproduz, no JB (17-12-86), o conto de Mauassant, intitulado *Bola de Sebo*. *Bola de Sebo* ou *Gorduchinha* é o apelido da prostituta protagonista da estória. Hélio Pellegrino narra o episódio, a propósito da grosseria com que o Governo usou eleitoralmente a confiança que havia despertado em milhões de crédulos, para traí-la sem escrúpulos logo depois do pleito. Vamos aos fatos:

Gorduchinha, a prostituta extrovertida e espontânea, está em viagem ferroviária por território francês, ocupado pelas tropas alemãs vitoriosas. Havia, no vagão, um bando de frades, freiras e aristocratas, cuja virtude inpecável os levava a torcer o nariz para o doce e gentil companheira de viagem. O tempo era de escassez. Daí a umas horas, baixou sobre o piedoso grupo uma fome crescente e pungente, para a qual não havia remédio. Somente Gorduchinha, com a premeditação dos que fazem a vida, levava consigo o farnel carregado de pão, queijo, frutas e vinho.

o servir-se, apesar do desprezo que a cercava, não conseguiu deixar de convidar a tribo de tartufos e fariseus que salivavam ao seu redor. É claro que os famintos cöegos, viscondes e madres, depois de fazer cerimônia de araque, devoraram as provisões de Gorduchinha, a ponto de não lhe sobrar mais nada. Os viajantes, seguindo caminho, tiveram que pernoitar numa pequena estalagem, onde reinava um oficial alemão, de olhos azuis e botinas lustrosas. O capitão, após alguns copos de vinho, descobriu os encantos de Gorduchinha. Lançando-lhe olhares conquistadores, propôs-lhe uma noite de prazer.

Essa prostituta era patriota! Repeliu com dignação o inimigo germânico. Este, do

alto de suas dragonas, não se deu por achado. Prendeu todos os passageiros e bloqueou o trem, até que seus ardores fossem acalmados. Gorduchinha recebeu apelos, exortações, invocações e convocações, em nome de Deus, da Pátria e da Família. Os santos e honestos passageiros queriam dela o sacrifício que, ao fim das contas, nada mais era do que uma prestação profissional de serviços. Gorduchinha tinha que aceitar, pois esta era a vontade de Deus, para o bem da Pátria e da Família francesa. E por aí afora a lorotagem dos devotos homens de Deus, engajados na preservação da própria pele.

Diante das lágrimas de resistência, nojo e cólera de Gorduchinha, os carolas continuaram desfiando todo o rosário de edificante retórica, destinada a induzir Gorduchinha à canalhice. Afinal, com uma pureza de virgem mártir, a pobre mulher capitulou. A viagem seguiu ao amanhecer. E ninguém — literalmente ninguém — olhou mais para Gorduchinha, ou lhe dirigiu a palavra. Monsenhores, cönegos frades e freiras voltaram para seus conventos e igrejas, a fim de continuarem a servir a Deus, longe das sujeiras do mundo e das pessoas impuras.

Nosso Hélio Pellegrino tira algumas conclusões finais: "O povo brasileiro foi usado e traído pelo Governo, com uma desfaçatez que causa cólera e assombro. A fala presidencial, depois do desastre, foi pior que o soneto. Não é verdade que a inflação seja apenas a proclamada pelo Governo. Não é verdade que a reforma agrária esteja sendo realizada com decência. Não é verdade que o Cruzado II signifique resistência ao FMI e à grande finança internacional. Restam a CUT, a CGT, a luta do povo pobre, a serviço do Brasil". Conclusão não tão indignada da *Folha*: no Brasil, nosso povão foi sempre tratado pelas chamadas elites como a Gorduchinha pela cambada de fariseus. (F.L.T.)

IMAGEM DE DOIS CORAÇÕES EM PÁSCOA

1. Zezinho não conhece nem Pai nem Mãe. Aos sete anos, sofridos na inocência, diz aos colegas de rua, louvadores de Pai e Mãe, que eu nasci sozinho no pé da jaqueira. Os colegas riem e Zezinho diz que é mesmo, que seu Jorge mim disse que eu nasci no pé da jaqueira. Zezinho não entende a mofa dos meninos e fica bem mais triste. Eu sou sempre triste, seu moço. E olha-me com os olhos mais tristes e mais puros, que na pureza me perfuram, me acusam e me condenam. Onde é que você mora, Zezinho?

2. Zezinho diz que eu tou hoje na casa de dona Maria. Vamos à casa de dona Maria? Zezinho leva-me à favela e dona Maria me diz que eu peguei ele ontem de noite, na chuva, dormindo com frio. Aí eu disse, Zezinho, você vai passar a noite lá em casa comigo, tá? Depois do café esta manhã, ele saiu. Aí eu disse, Zezinho, de noite venha comer e dormir comigo, tá? Olho em redor: na miséria total da favela abandonada, a casa de dona Maria. Um cômodo, tudo pobre, mas tudo limpo no barraco miserável.

3. A senhora mora sozinha? Ela diz que eu tive cinco filhos, sim senhor, mas meu marido morreu, os filhos cresceram, foram-se embora, casaram e esqueceram de mim. Agora tou sozinha, com sessenta anos, que só Deus sabe. Tenho uma idéia, quem sabe? Dona Maria, a senhora não quer ficar com Zezinho, não? Olha-me com olhos de Cruz e de Páscoa, para dizer: Seu moço, eu passo fome. Mais uns dedos de explicação, dona Maria — aceita Zezinho que aceita dona Maria. O resto se arranja. E faz-se Páscoa em dois (ou três?) corações. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

MISTÉRIO DA PÁSCOA

Toda a vida da Igreja, como instituição em cada um de nós, é marcada e iluminada pelo mistério da Páscoa em seu duplo elemento: mistério da Cruz e mistério da Ressurreição. Páscoa é Cruz. Páscoa é Ressurreição. Não há Cruz sem Ressurreição. Não há Ressurreição sem Cruz.

O que caracteriza a Igreja peregrina será sempre a Cruz carregada em nome de Jesus, a esperança da Ressurreição. Na história da Igreja os feitos gloriosos, as contribuições para a cultura, a supremacia sobre reis e imperadores, o poder temporal dos Papas, a cristandade ideologizada — nada disto pesa, como bem sentiu Paulo:

"Todas essas vantagens considere-as prejuízo por causa de Cristo. Sim, considero tudo o prejuízo diante da sublime vantagem de conhecer a Cristo Jesus, meu Senhor. Por renunciei a tudo e considero tudo lixo para ganhar a Cristo" (Fl 3,7-8).

"A mim porém não me aconteça gloriar-se na cruz de nosso Senhor Jesus

Cristo, pelo qual o mundo foi crucificado para mim e eu para o mundo" (Gl 6,14).

• Paulo compreendeu admiravelmente a dimensão da Cruz que marca o Evangelho e a vida de Jesus, quando escreve: "Para os que se perdem, a palavra 'Cruz' é loucura, mas para os que se salvam, para nós, é o poder de Deus" (1Cor 1,18). E continua, com profunda penetração do mistério da Cruz:

• "Os judeus reclamam sinais, os gregos procuram filosofia; nós porém anunciamos um Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os não-judeus. Mas para os eleitos, judeus ou gregos, Cristo é o poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois a loucura de Deus é mais sábia que os homens e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens" (1Cor 22-25).

• Meditando o mistério da Páscoa, aprendemos a amar o mistério da Cruz em todas as suas conseqüências; descobrimos que nós

que nos deixamos levar pelas ideologias do poder, gritamos também com a multidão manipulada: "Crucifica-o, crucifica-o" (Jo 19,6).

• Em vez de lançarmos pedras sobre o Povo judeu do tempo de Jesus, como fizeram séculos de Cristianismo mal compreendido — como nos dói aquele "pérfido judeus" da antiga Liturgia da Sexta-Feira Santa que João XXIII num gesto de profunda intuição mandou cortar —, nós humildemente confessamos que continuamos crucificando Jesus nos irmãos pequenos e oprimidos do nosso tempo e lugar.

• As ideologias — hoje mais do que nunca — continuam crucificando Jesus pela crucificação dos irmãos menores abandonados, nos irmãos favelados, nos irmãos explorados, nos irmãos marginalizados de nossa Baixada Fluminense, de nossa Pátria, de nossa América Latina — continente crucificado — e do mundo inteiro. (A.H.)

5º DOMINGO DA QUARESMA (05-04-1987)

A = Animador; C = Comentarista; L = Leitor; MC = Ministro da Comunhão; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista;
* = indica que se pode usar outro texto.

Cânticos: Missa "QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE", CF-87; CNBB.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



No seu Reino Jesus deixa entrar,
quem o pobre, o Menor libertar:
/ "QUEM ACOLHE O MENOR,
com amor, ME ACOLHE", nos diz o Senhor.

1. No deserto Jesus passa fome — o deserto
água e vida não tem —. / Se há menores
sem pão e sem nome / é que somos de-
serto, também.

2. Lá no monte, no rosto divino, nossa face
é que brilha e reluz. / Mas no rosto de
tanto menino, onde está, meu Senhor, tua
luz?

3. Teve sede Jesus junto ao poço... Eis a
imagem tocante, mas dura / dos menores
que são pele-e-osso, bem ao lado de nossa
fartura!

4. Na piscina do Grande Esperado, Cristo
faz mais um cego enxergar. Assim eu, por
Jesus batizado, veja irmão na criança sem
lar!

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito
Santo. **P. Amém!**

S. Irmãos, a graça e a paz de Deus, nosso
Pai e de Jesus Cristo, nosso Irmão, que
vive no meio de nós na força do Espírito
Santo, estejam convosco.

P. (canta): Prova de amor maior não há /
que doar a vida pelo irmão!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. A fome mata, a cada cinco minutos, sete
crianças brasileiras. Há sete milhões de me-
nores abandonados por seus pais e parentes
e, que vivem perambulando pelas ruas. São
trinta e seis milhões o número de menores
marginalizados em nosso País. Em Belém do
Pará existem trinta mil meninas, entre 11
e 15 anos, vivendo da prostituição. Nós lhes
roubamos a vida. Nós lhes roubamos a digni-
dade e o direito de viver. Mas eis que Jesus
vem dizer a nós e a todos eles: "Vou tirar
você das sepulturas... Vou pôr em você
o meu espírito". Podemos celebrar porque
o Senhor vai realizar no meio de nós o mi-
lagre da ressurreição. Estamos passando por
momentos de cruz, mas nosso trabalho li-
bertador, junto aos menores abandonados,
nos conduzirá por caminhos de libertação.

4 ATO PENITENCIAL

S. Estamos amarrados a costumes e precon-
ceitos. Fingimos não ver os problemas. Não
queremos nos comprometer. Peçamos perdão
a Deus e aos irmãos, porque nos sentimos
fracos e incapazes de tirar as cordas de nos-
sas mãos e pés, nem as ataduras de nossos
olhos e de nossa boca. (Pausa para revisão
de vida).

(Pessoas com mãos e pés amarrados, outras
com olhos vendados e boca amordaçada,
mostrando os problemas que deixam o povo
amarrado e sem possibilidade de viver. Após
cada invocação, são libertados).

S. Tende compaixão de nós, Senhor, porque
somos pecadores, e não fazemos a vossa von-
tade.

P. (canta, batendo no peito): Piedade, pieda-
de, piedade de nós!

S. Manifestai-nos, Senhor, a vossa misericór-
dia e dai a vossa Salvação a todos os irmãos
indefesos: paráliticos, idosos, enfermos, me-
nores, adolescentes e jovens abandonados...
(pode-se acrescentar outros).

P. (canta, batendo no peito): Piedade, pie-
dade...

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de
nós, perdoe os nossos pecados, nos livre do
mal e da morte e nos conduza à vida eterna.

P. Amém!

5 COLETA

S. Oremos: Senhor nosso Deus, dai-nos, por
vossa graça, caminhar com alegria na mesma
caridade que levou o vosso Filho a entregar-
se à morte, no seu amor por nós. Por nosso
Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade
do Espírito Santo. **P. Amém!**

LITURGIA DA PALAVRA

6 PRIMEIRA LEITURA



C. Muitas vezes nos deixamos aba-
ter pelo pessimismo e até pelo de-
sespero. Mas o Senhor, — Deus
da Libertação —, nos garante que vai fazer-
nos sair dos túmulos e caminhar para a fra-
ternidade.

L. Leitura do livro do profeta Ezequiel
(37,12-14). — Assim diz o Senhor
Deus: "Vou abrir os túmulos de vocês
e tirá-los das sepulturas, para recondu-
zi-los à terra de Israel. Ó meu povo!
Quando eu abrir as sepulturas e ali
tirar vocês, então ficarão sabendo que
eu sou o Senhor. Quando eu puser
em vocês o meu espírito para que re-
vivam; quando eu estabelecer vocês
na sua terra, então, ficarão sabendo
que eu, o Senhor, digo e faço". Orá-
culo do Senhor. — Palavra do Senhor.
— **P. Graças a Deus!**

7 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl 129)

C. Confiamos no Deus-Libertador. Clamamos
do abismo e Ele nos envia seu socorro. Na
esperança, cantemos:

"Quem acolhe o menor e ao bem conduz, /
me acolhe", diz Jesus.

Sl. 1. Das profundezas eu clamo a vós, Se-
nhor, / escutai a minha voz! // Vossos ou-
vidos estejam bem atentos / ao clamor da
minha prece!

2. Se levardes em conta as nossas faltas, /
quem haverá de subsistir? // Mas em Vós
se encontra o perdão, / eu Vos temo e em
Vós espero.

3. No Senhor ponho a minha esperança, /
espero em sua palavra. // A min' alma es-
pera no Senhor, / mais que o vigia pela
aurora.

4. Espere Israel pelo Senhor, / mais que
o vigia pela aurora. // Ele vem libertar a
Israel / de toda a sua culpa.

8 SEGUNDA LEITURA

C. O Espírito de Deus que ressuscitou Jesus
dentre os mortos habita em nós. Ele nos
dá força e coragem para assumirmos a causa
do Menor.

L. Leitura da carta de São Paulo
tolo aos Romanos (8,8-11). — Irmãos,
Os que vivem segundo a carne
podem agradar a Deus. Ora vocês
vivem segundo a carne, mas segun-
do o espírito, — se é verdade que o
espírito de Deus habita em vocês. Quem
não tem o Espírito de Cristo, não
vence a Ele. Mas se Cristo está
em vocês, o corpo está morto, pelo pe-
cado, mas o espírito está vivo, pela ju-
stificação. E se o espírito daquele que ressus-
citou Jesus dentre os mortos habita em
vocês, então, aquele que ressuscitou
Jesus dentre os mortos, dará vida tam-
bém aos seus corpos mortais, através
seu Espírito, que habita em vocês.
Palavra do Senhor. — **P. Graças a Deus!**

9 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Aclamemos, com fé, o Senhor
nos diz, no Evangelho, co'an-
te "Quem acolhe o Menor, meu
me acolhe e terá salvação!"

Sl. "Eu sou a ressurreição, eu sou a vida,
quem crê em mim não morrerá eternan-
te".

10 EVANGELHO

C. A ressurreição não acontece some-
mente no fim da morte ou no fim do mundo,
mas morrendo e ressuscitando todos os
dias. Superar a miséria, a opressão, a vi-
olência e o abandono em que vivem os menores,
é suscitar para a vida e o amor.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segun-
do o Apóstolo Paulo (11,1-45). **P. Glória a vós, Senhor!**

S. Naquele tempo, havia um
homem chamado Lázaro. Ele era de Betânia,
o povoado de Maria e de sua irmã
Marta. Maria era aquela que tinha
ungido o Senhor com perfume e
lava os seus pés com cabelos. Lázaro,
seu irmão, estava doente. Então as
irmãs mandaram dizer ao Senhor:
"Senhor, teu amigo está doente".
Ouvindo o recado, Jesus disse:
"Esta doença não é para a morte,
mas para a glória de Deus, para que
o Filho de Deus seja glorificado por
esta doença". Jesus era muito amigo
de Marta, sua irmã Maria e de Lázaro.
Quando chegou ao lugar onde estava
Lázaro, ele estava já morto. Então
disse aos discípulos: "Vou chamá-lo".
Então os discípulos responderam:
"Mestre, há pouco os judeus queriam
te matar, e tu vais de novo para
Jerusalém?". Jesus respondeu:
"O dia não tem mais horas? Se algué-
m caminha de dia, não tropeça,
porque vê a luz deste mundo. Mas
se alguém caminha de noite, tropeça,
porque não há luz nele". Então
acrescentou: "O nosso amigo
Lázaro dorme. Eu vou acordá-lo". Os

pulos disseram: "Senhor, se ele está dormindo, vai se salvar". Jesus falava da morte de Lázaro. Mas os discípulos pensaram que ele estivesse mesmo dormindo. Então Jesus disse claramente: "Lázaro está morto. Mas foi bom que eu não estivesse lá para que vocês acreditem. Mas vamos para junto dele". Então Tomé, chamado Dídimo, disse aos companheiros: "Vamos nós também para morrermos com o Mestre". Quando Jesus chegou, Lázaro já estava no túmulo há quatro dias. Betânia ficava a uns três quilômetros de Jerusalém. Muitos judeus tinham vindo à casa de Marta e Maria para dar os pêsames por causa do irmão. Quando Maria soube que Jesus estava chegando, foi ao encontro dele. Maria ficou sentada em casa. Então Marta disse a Jesus: "Senhor, se estivesse estado aqui, o meu irmão não teria morrido. Mesmo assim eu sei: o que pedires a Deus, ele te dará". Jesus afirmou: "O seu irmão vai ressuscitar!" Marta disse: "Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição do último dia". Então disse Jesus: "Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que esteja morto vai viver! E todo aquele que vive e crê em mim, não ficará morto para sempre. Você acredita nisso?" Ela respondeu: "Sim, Senhor! Eu sempre acreditei que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vieste ao mundo". Depois ela foi chamar sua irmã Maria e lhe cochichou: "O Mestre está aí e chama você". Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi ao encontro de Jesus. Jesus ainda estava fora do povoado, no mesmo lugar onde Marta tinha se encontrado com ele. Os judeus que estavam em casa para dar os pêsames viram Maria se levantar depressa e sair, e foram atrás dela, pensando que ela iria ao túmulo para chorar lá. Mas ela foi para o lugar onde estava Jesus. Quando viu Jesus, Maria ajoelhou-se diante dele e disse: "Senhor, se tivesses estado aqui o meu irmão não teria morrido". Jesus viu que Maria, e os judeus que estavam com ela, choravam. Então, profundamente comovido, perguntou: "Onde vocês colocaram Lázaro?" Responderam-lhe: "Senhor, vem e vê". E Jesus chorou. Então os judeus disseram: "Vejam como ele o amava!" Alguns deles, porém, disseram: "Aquele que abriu os olhos ao cego, não podia ter impedido que este homem morresse?" Jesus se comoveu de novo, e chegou ao túmulo. Era uma caverna, fechada com uma pedra. Jesus falou: "Tirem a pedra". Marta, a irmã do morto, disse: "Senhor, já cheira mal. Está morto há quatro dias". Jesus disse para ela: "Eu não lhe disse que se você crer verá a glória de Deus?" Então

tão tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e disse: "Pai, eu te dou graças porque me ouviste. Eu sei que sempre me escutas. Mas eu digo isso por causa do povo que me rodeia, para que creia que tu me enviaste"; Dizendo isso, gritou bem forte: "Lázaro, sai para fora!" O morto saiu. Tinha os braços e as pernas amarradas com panos e o rosto coberto por um sudário. Jesus disse para eles: "Desamarram-no e deixem que ele ande". Então muitos dos judeus, que tinham ido à casa de Maria e que viram o que Jesus fizera, creram nele. — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

* 11 PREGAÇÃO — PARTILHA

12 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.
P. Criador do céu e da terra...

* 13 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. A fraternidade está crescendo em nossas comunidades. Os "Lázaros", mortos pelo comodismo, pela inveja, pela discriminação, pela violência, pelo abandono, já estão saindo dos túmulos. Rezemos e lutemos para que agindo acolhamos Jesus, acolhendo o Menor. L1. Acolhei, Senhor, os Menores abandonados. Que convosco nós possamos assumir a libertação destes nossos irmãos.

P. (canta): Como Jesus, vou carregar / a minha cruz para poder ressuscitar!

L2. Acolhei, Senhor, com bondade, no vosso Reino, os irmãos que partiram desta vida (citar nomes...). Unidos a eles, esperamos também saciar-nos eternamente da vossa glória.

(Outras intenções da comunidade...).

S. Acolhei as nossas súplicas, Senhor, para que acolhendo o Menor, possamos acolher a vós, que já está no meio de nós.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

* ORAÇÃO DE LOUVOR

(Se não houver Missa).

A. Senhor, queremos ser semelhantes a vós, do jeito que nos criastes. Assim cantaremos sem cessar os vossos louvores:

P. (canta): Santo, Santo, Santo...

A. Rezemos, irmãos, a Oração da Campanha da Fraternidade e louvemos ao Senhor que nos liberta.

P. Pai querido, / obrigado porque nos colocais a serviço da Vida. / Tornai-nos sensíveis à dramática situação / dos trinta e seis milhões de Menores / empobrecidos e marginalizados / no meio de tanta riqueza / desse imenso Brasil! / Com eles, Jesus / vosso Filho e nosso Irmão Libertador / se identifica ao dizer com amor: / "QUEM ACOLHE O MENOR, A MIM ACOLHE". / Converti-nos, Pai querido, / pela força do Espírito Santo / que nestes Menores clama por Justiça. / Fazei que, acolhendo-os com carinho / tenhamos coragem de arrancar pela raiz / o pecado e de construir a tão sonhada sociedade justa e fraterna. / Permiti, Senhor, / que em nossas casas e praças / as crianças sorrindo brinquem na paz! Amém!

A. Na morte e ressurreição de Jesus, Deus e o homem se abraçam. Percorrendo caminhos de medo, egoísmo e morte, encontra-

mos Deus nos esperando de braços abertos. Com alegria proclamemos:

P. Pai nosso...

MC. Eis o Cordeiro Vivo de Deus, que arranca o pecado do mundo e nos tira do túmulo da morte para a Vida plena.

P. Senhor, eu não sou digno...

14 CANTO DAS OFERTAS



1. Bendito sejas, Deus Clemente, pelos dons deste vinho e do pão, / representam esforço da gente, e vão ser para nós redenção.

Transformai nossa oferta, Senhor, no alimento que dá salvação: / que nos faça, no amor, libertar os menores que vivem sem pão!

2. A mão do Menor estendida a pedir um pedaço de pão, / é constante e real desafio, para quem se confessa cristão.

3. São tantas, meu Deus, as crianças, ao lento, sem pão e sem lar! // Como pode o cristão, neste encontro, no menor, seu irmão, não pensar?

15 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Deus todo-poderoso, olhai os vossos filhos. Dai-lhes por este sacrifício, ânimo e coragem, para que ajudem a ressuscitar todos os que estão mortos, por causa da omissão, do egoísmo e da falta de fraternidade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

16 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Compete somente ao Sacerdote. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.



P. Salvador do mundo, salvai-nos! Vós que nos libertastes pela Cruz e Ressurreição!

17 CANTO DA COMUNHÃO

18 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Concedei, ó Deus todo-poderoso, que estejamos entre os membros do Corpo de Cristo. Que a Eucaristia que recebemos nos fortifique na luta para acolher o Menor. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

RITO FINAL

19 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a Comunidade).

C. Os túmulos foram abertos pelo Senhor. Os Menores já podem ressuscitar! Há muito a ser feito por eles: creches, Pastoral do Menor, Catequese com o menor carente e abandonado, adotar crianças, cozinhas comunitárias, o trabalho com as mães... (citar outras iniciativas conhecidas). Se já começamos, continuemos na luta. Se não começamos ainda, esta é a hora de começar!

20 BÊNÇÃO FINAL

21 CANTO DE SÁIDA

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Dn 13,1-9.15-17.19-30.33-62; Jo 8,1-11. / 3ª-feira: Nm 21,4-9; Jo 8,21-30 (S. João Batista de la Salle). / 4ª-feira: Dn 3,14-20.91-95; Jo 8,31-42. / 5ª-feira: Gn 17,3-9; Jo 8,51-59. / 6ª-feira: Jr 20,10-13; Jo 10,31-42. / Sábado: Ez 37,21-28; Jo 11,45-56. / Domingo: Mt 21,1-11; Is 50,4-7; Fl 2,6-11; Mt 26,14-27,66 (Ramos).

QUEM É O FILHO? O MEDIADOR DA LIBERTAÇÃO INTEGRAL

Frei Leonardo Boff

Ao lado do Pai e em eterna comunhão com Ele, está o Filho. Ele é a total expressão do Pai. O Pai se reconhece no Filho, em sua eternidade e em seu mistério de ternura. O Filho mostra a diferença em Deus e, ao mesmo tempo, a comunhão. Por isso Pai e Filho estão sempre juntos, se conhecendo, reconhecendo e se entregando mutuamente. Para levar a criação à plenitude, passando pela redenção, o Filho se encarnou. Por sua encarnação nos foi revelado o mistério de comunhão que é o Deus trino. Já o temos considerado: no meio das pessoas, agindo de forma libertadora, o Filho nos revela o Pai; o dinamismo transformador que dele irradiava significava a presença do Espírito Santo. Como Jesus de Nazaré, aquele homem pobre e solidário com todos os sofredores, nos revelou a segunda Pessoa da SS. Trindade, o Filho? Se tomarmos os evangelhos assim como estão escritos, não é difícil de perceber: o Filho está aí com toda a sua

presença densa, como revelador dos segredos do Pai, como mediador da plena libertação para todos a começar pelos pobres, na força do Espírito que o habita. Entretanto, os atuais textos do Novo Testamento recolhem, além das palavras e das práticas de Jesus, também as reflexões feitas sobre o acontecimento-Jesus pelas primeiras comunidades cristãs. Atualmente não é fácil distinguir o que vem do Jesus histórico e o que procede dos seus seguidores. O importante reside no fato de que tanto Jesus quanto as reflexões dos primeiros cristãos testemunham claramente que estamos diante do Filho de Deus. Este Filho de Deus armou sua tenda em nossa miséria.

Em primeiro lugar Jesus se mostra Filho de Deus na oração. Ele sempre invoca a Deus como Abba, Paizinho querido. Quem chama a Deus de Pai se sente seu Filho. Ensinou-nos a chamá-lo também de Pai e a enten-

dermo-nos como filhos e filhas e, por isso, de irmãos e irmãs. Em segundo lugar, Jesus se comporta como Filho do Pai. Assume a representação do Pai; assim como o Pai trabalha até agora, ele também trabalha (Mt 5,17). Assim como o Pai é misericordioso, ele também é misericordioso; perdoa pecadores e convivendo com os pecadores lhes confere a certeza do perdão do Pai. Em terceiro lugar, obedece ao plano do Pai até a morte mesmo quando se vê tentado; resiste à fidelidade face a todas as perseguições mesmo, no alto da cruz, no máximo abando, se entrega confiado ao Pai.

No entusiasmo que provoca no povo, na coragem de superar as tradições obsoletas, vida que suscita por onde passa, deixando trever que o Espírito o habita e que assim também o revela ao mundo. Jesus é o Filho do Pai no Espírito e também nosso irmão maior e melhor.

EM TORNO DA LITURGIA

A CELEBRAÇÃO DA PÁSCOA DOS JUDEUS

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

Para bem compreendermos a Oração eucarística da Missa é importante ter uma noção da ação de graças da Ceia pascal dos judeus, pois a Eucaristia cristã herdou dela a sua forma.

Cada ano, pela primavera, celebrava-se a festa da Páscoa. Cada família reunia-se, como se descreve no cap. 12 do Êxodo, sob a presidência do pai de família. O rito constava de quatro etapas em torno de quatro cálices: *O cálice de abertura*. — O pai de família levantava-se e dava graças sobre o pão e um primeiro cálice. A metade do pão ele o guardava sob uma toalha e a outra metade era distribuída por bocados a todos os presentes. Em seguida passava o cálice para todos beberem.

O cálice da ceia como tal. — Seguiu-se a ceia pascal propriamente dita, acompanhada

de vinho. Nesta etapa da ceia consumiam-se o cordeiro pascal, onde ele era imolado, as ervas amargas e outras especiarias próprias da ceia pascal. Observa a literatura rabínica que todos deviam comer e beber moderadamente, para que pelo fim da ceia ainda pudessem comer e beber em ação de graças.

O cálice da ação de graças. — Pelo fim da ceia realizava-se o rito da *bagadá* pascal, em que um menino perguntava pelo sentido da ceia, recebendo então a explicação do pai, dizendo que era o sacrifício pascal em memória da libertação do Egito (cf. Ex 12,26-27). Depois disso, o pai de família novamente se levantava, retirava o pão guardado sob a toalha, e em solene oração, dava graças sobre o cálice, chamado *cálice da bênção*, ou da ação de graças. Proclamava os bene-

fícios de Deus em favor do povo: a ação de Deus pela criação, a aliança do Sinai, a aliança que Deus renova a cada dia e a bênção do alimento. Em seguida, distribuiu o pão e passava o cálice para todos os presentes. Era o momento mais significativo da festa. Esta ação de graças tinha a forma da nossa Oração eucarística.

O cálice da despedida. — Em seguida cantavam-se salmos de louvor e finalmente, bebido o último cálice, o da despedida. Importante percebermos o esquema. A ação de graças sobre o pão recordava sobre a páscoa da libertação do Egito. A ação de graças sobre o cálice estava mais relacionada com a páscoa da Aliança do Sinai. Libertação e aliança estão também presentes na Oração eucarística cristã, sob os símbolos do pão e do vinho, o Corpo e o Sangue de Cristo.

FÉ EM JAVÉ, GARANTIA DA LIBERDADE

Carlos Mesters

Nas Folhas passadas, refletimos sobre os três primeiros mandamentos da Lei de Deus. Os três primeiros mandamentos procuram limpar o céu, isto é, procuram revelar o rosto de Javé, o Deus libertador, e sua vontade santa. Por ora, nenhum dos três disse como esta vontade santa de Deus deve ser realizada concretamente pelo povo aqui na terra. Descrevem apenas um lado da medalha.

Nos mandamentos quatro até dez, aparece o outro lado da medalha. Eles descrevem como deve ser a organização do povo, para que este seja de fato um sinal vivo de Javé, o Deus libertador. Descrevem como deve ser o relacionamento entre os membros da comunidade, para que esta não perca a liberdade que conquistou com a ajuda de Deus, para que nele apareça a justiça que não existia na "casa da escravidão do Egito"; para que nela se viva a fraternidade e a igualdade, que eram negadas ao povo lá no Egito; para que, assim, o povo seja expressão viva da sua obediência à vontade santa de Deus.

Com outras palavras, a fé em Deus (*mandamentos 1 a 3*) e a organização da sociedade (*mandamentos 4 até 10*) não podem estar separadas. Estavam separadas no Egito, e esta separação resultou na opressão do povo. De um lado, a fé no Deus libertador produz necessariamente a luta por uma organização mais justa e mais fraterna da sociedade. De outro lado, a luta por uma organização mais justa e mais fraterna da sociedade leva o povo a recusar o deus opressor do faraó e se abrir para a revelação do rosto do Deus vivo a verdadeiro que é libertador. Jesus resumiu tudo isso, quando disse que o amor a Deus e o amor ao próximo não podem ser separados.

No Egito, a variedade dos deuses se refletia na sociedade, em forma de divisão de classes. O faraó, cujo deus era mais forte, dizia ter o direito divino de poder dominar os outros, pois o deus dele se mostrou mais forte que os deuses dos outros. Na comunidade do povo de Deus, estes deuses não têm o direito de existir. Lá só tem lugar

para um único Deus, Javé. E sendo um só, então, perante Ele, todos são iguais. Por isso, a fé em Javé deve traduzir-se necessariamente, em luta pela justiça, fraternidade, pela igualdade e pela liberdade em luta contra qualquer forma de opressão. A fé no Deus libertador nunca é consentida defendida pelo faraó ou pelas classes dominantes, que oprimem o povo. Ela germina, como de fato germinou, nas comunidades oprimidas que lutam pela sua libertação daqueles que optam pelos pobres e oprimidos. Os grandes, os poderosos, os tendidos e os doutores, conforme a parábola de Jesus, não podem entender a mensagem de Deus. "Sim, Pai, assim é do teu agrado" (Mt 11,26). Para poder aprender a mensagem de Deus e descobrir os sinais de sua presença no mundo, só há um caminho: abrir os ouvidos para o clamor do oprimido. Os mandamentos 4 até 10 descrevem as instituições e os valores que permitem criar este novo tipo de organização da sociedade, através do qual se revela ao povo o rosto de Deus!